

837

MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
FEV 1944

80



Os orfeões
portugueses
cujo culto
pelo folclore
é uma das
mais belas
expressões
da sua arte



Uma «maquillage» difícil

MÁQUINA DE ESCREVER
NÃO ERA CONHECIDA
ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

MÁQUINAS {
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO
COM PESSOAL ESPECIALIZADO

FICHEIROS
KARDEX
E ARQUIVOS

Rua da Misericórdia, 20-1.º
TELEFONE: 21802 - 21803
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 69-2.º
TELEFONE: 1276
PORTO

PORTSMOUTH GRANDE PORTO DE INGLATERRA

por George Edinger

No mundo de hoje, ensaguentado pela guerra, poucas cidades conservam um sentimento mais profundo de poder e de inflexível resolução, como Portsmouth, porto da Inglaterra.

Berço da Marinha britânica, viveiro de bravos marinheiros, Portsmouth ocupa a maior parte de um cabo que penetra na Mancha, em frente da península francesa de Contentin, frente a Cherbourg. A cidade era, como convinha outrora, defendida por minas e poderosos bastiões. Já não existem esses muros. No todo o caso, como convém a um porto de guerra e de construção nával das mais importantes da Gran-Bretanha, Portsmouth está rodeado de fortalezas. A cadeia de montanhas que guarda a entrada, por terra, de Portsmouth, está semeada das mais antigas obras de fortificação, como por exemplo o forte Widley, que os ingleses construíram quando Napoleão III ameaçou a Inglaterra. Pelo mar, o porto estava protegido por fortalezas flutuantes que os nossos antepassados colocaram para se defenderem de Napoleão I. As gloriosas tradições de Portsmouth são tão gravadas na pedra secular da sua igreja, erguida à beira-mar. As paredes da igreja são as mesmas do hospital de S. Nicolau que foi edificado no século XIII e foi na capela desse hospital que se celebrou o casamento de Carlos II da Inglaterra com a princesa de Portugal. Nos nossos dias, respeitando a tradição de setecentos anos, a guarnição da praça assiste a cerimônias religiosas todos os domingos.

No decorrer dos tempos viu-se descer ao glorioso forte, cercado pelo heroísmo, Drake, Blake, Rodney, Nelson, Jellie e Cunningham. Um magnífico cortejo de caravelas, buques, fragatas, cauzadores, navios à vela e a vapor de todos os tipos, desfilou, através dos séculos, sob a protecção dos canhões que defendem o porto.

As velhas ruas respiram o ar puro do largo. E, quando se passa sob as janelas salina das dos albergues da larga Grande Rua, que data do século XVIII, poder-se-ão ver graves almirantes que olham com um sorriso os rapazes tímidos que descem pela primeira vez, de autocarros, para se incorporarem na Marinha de Sua Magestade.

E que albergues, ali! E que nomes pitorescos eles têm! Exatam, por exemplo, no cais de Portsmouth o «Keppel's Head» onde a marujada bebe a última caneca de cerveja antes de embarcar; o «Georges», onde Nelson passou a sua última noite em Inglaterra e donde saiu pela porta trazer para evitarem entusiasmo da multidão que o aguardava na Grande Rua para o aclamar. E, ainda, o «Chlentrütt», onde, como todo o leitor assíduo de Alexandre Dumas, o Duque de Buckingham, teve seus amores com Ana de França e foi agredido mortalmente pelo tenente Feltor, prestes a embarcar para combater a frota francesa de Richelieu; e, ainda, o «Blue Posts», onde pernoitaram os jovens aspirantes que combateram Bonaparte.

(Continúa na página 1)

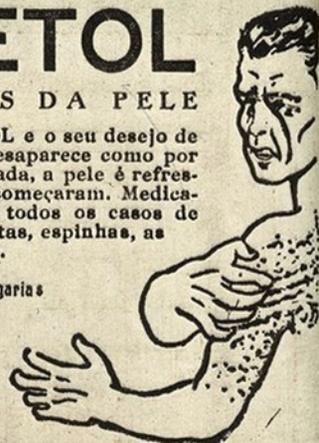
HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

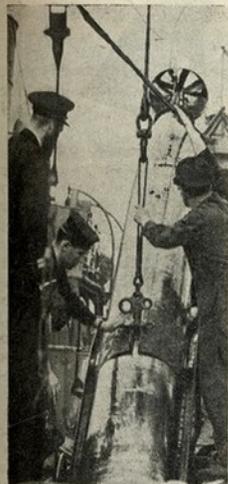
UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada
RUA DA PRATA, 237
LISBOA



REFLEXOS DO MUNDO



São estes poderosos torpedos e os canhões das suas formidáveis esquadras que garantem à Inglaterra a incontestável supremacia dos mares

cia de Casablanca, levou no seu avião um grande cacho de bananas que ofereceu a um hospital. As horas peores já passaram. O ananás, foi como um mensageiro de boas novas para a população londrina.

Diamante gigantesco

Na Serra Leão, foi encontrado, recentemente, o maior diamante até agora descoberto no Império Britânico. É uma gema que pesa 530 quilates em bruto.

É das maiores do mundo, de tamanho igual à célebre pedra «Estrêla de África» que adorna a coroa real britânica. Este é o maior diamante lapidado que existe.

Todos os grandes diamantes encontrados até hoje no continente africano têm vindo da África do Sul. Da costa ocidental do continente negro, apenas se conheciam pedras relativamente mais pequenas.

O chefe dos comandos

O brigadeiro R. E. Laycock foi nomeado chefe das operações combinadas em virtude de Lord Luis Mountbatten ser agora o comandante em chefe do Sueste da Ásia.

A chefe dos já celebres e te-



midos «Comandos», treinados por Sir Roger Keys, o herói de Zeebrugge, e depois por Lord Mountbatten, é assumida por um militar que participou numa das tentativas mais audaciosas desta guerra.

Com efeito, o brigadeiro Laycock tomou parte no ataque ao Quartel General de Rommel, na Líbia, em 1941. Nesse ataque, perdeu a vida o filho do primeiro chefe dos Comandos, o capitão Keys, postumamente condecorado com a Vitória Cruz. Durante 40 dias, Laycock e um sargento erraram pelo deserto, conseguindo, finalmente, regressar às linhas britânicas.

★ Churchill continuou, apesar da sua doença, a dirigir os destinos da Inglaterra e a estratégia das heróicas forças britânicas. Ei-lo, convalescente, com os generais Eisenhower, comandante-supremo das forças de invasão, e Alexander, comandante-chefe das tropas das Nações Unidas na Itália

O ananás dos Açores

Londres começou a receber frutos dos Açores, daqueles frutos que há muito não recebia. Levam-nos os barcos que transportam os abastecimentos para as forças ali estabelecidas.

Numa grande frutaria da capital britânica, apareceu há tempo um ananás dos Açores. Foi um acontecimento cidadão. O dono do estabelecimento estava deveras orgulhoso com o facto, prenúncio de melhores dias para a sua loja que, antes da guerra, estava repleta dos pômes mais exóticas, tão raros como caros.

Tão ufano, que nem quiz vender o ananás! Em frente do estabelecimento juntou-se muita gente. Preguntaram o preço e o comerciante respondeu: — «Podem-no levar por seis libras, mas prefiro conservá-lo como relicho!»

Para poupar espaço nos navios, a Grã-Bretanha cortou a importação de todos, produtos dispensáveis e de luxo, sem que, por isso, sofresse a saúde e boa alimentação dos seus habitantes.

Churchill, após a conferên-



Artistas da rádio, de cinema e do teatro, entre os soldados das Nações Unidas, durante uma festa que lhes foi dedicada

Com os Comandos participou também na batalha de Creta e, recentemente, ganhou, na Sicília, a Cruz de Serviços Distintos. O brigadeiro Laycock fica bem à frente dessa verdadeira galeria de heróis, sempre dispostos a jogar a vida em audaciosas façanhas.

O «Olhos de Gato»

O tenente-coronel aviador John Cunningham, nome que tem ressoado nesta guerra como um clarim de epopeia, abateu há dias o seu 19.º avião inimigo. Coube a vez a um grande bombardierio alemão.

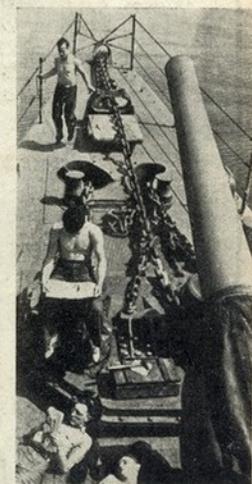
O nome porque John é conhecido, entre os seus colegas aviadores, é o de «Olhos de Gato».

Está a par do tenente-coronel aviador J. L. D. Brahm, que também abateu já 19 aviões.

Ambos se especializaram em voos noturnos, tendo abatido também cada um aviões durante o dia.

Fraternidade estreita de armas

e rivalidade amiga no heroísmo, eis o que caracterizam tais homens que arriscam, de contínuo, a vida e aos quais a vitória parece sorrir sempre.



A bordo de um contratorpedeiro britânico, entre dois combates vitoriosos



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS
7,45	WKTS	49,0 m.	WRUL	38,4 m.	WKLJ	39,7 m.	WBOS	48,9 m.
8,45	WKTS	49,0 m.			WKLJ	39,7 m.	WBOS	48,9 m.
9,45					WKLJ	30,8 m.	WBOS	25,3 m.
12,45	WRUA	26,9 m.	WRUS	19,8 m.	WRUW	25,6 m.	WGEO	19,6 m.
13,45	WRUA	26,9 m.	WRUS	19,8 m.	WRUW	16,9 m.	WRUL	19,5 m.
17,45	WRUA	26,9 m.	WRUS	19,8 m.				
18,45	WRUA	26,9 m.	WRUS	19,8 m.	WGEA	25,3 m.		
19,45	WRUA	26,9 m.	WRUS	19,8 m.	WGEO	31,5 m.	WKLJ	30,8 m.
20,45 a	21,15	WRUA	39,6 m.	WRUS	31,4 m.	(Meia hora de programa especial)		
	21,45	WRUA	39,6 m.	WRUS	31,4 m.	WKLJ	30,8 m.	
	22,45				WKLJ	30,8 m.		
	23,45				WKLJ	30,8 m.		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18.45 às 19 horas.

Emissões diárias

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

O que a mulher, em guerra, veste

A calça entrou no pleno domínio da indumentária feminina, por ser mais cômoda, mais quente e mais decente.

Mais decente, sim: na fábrica de armamento, a rapariga que está empoleirada no cimo duma escada, não fica muito melhor com a calça do que se estivesse de saias?

A saia-c-casaco do uniforme é sóbria e fica bem a todas: gordas ou magras.

O boné também é agradável pela nitidez que imprime à presença que, embora marcial, não exclue feminilidade.

Dos três pontos essenciais que apontamos na indumentária guerreira, actual, quais serão os que perdurarão no post-guerra?

Não sabemos, mas adivinhamos: um sentido novo de simplicidade, consciência e anti-ridículo.

A saca

O *calf* é maleável e macio ao tocar. O antilope mais fino do que a camurça. O crocodilo de escama grossa é mais sólido mas menos elegante do que o fino. O lagarto dura eternidades, sobretudo, se tem o grão muito junto.

Quanto menos veias tiver a pele do porco (*pécari*) melhor é. Dura mais a pele de vitela do que a de potro. O verniz é elegante mas dura menos do que o box.



Costureiro famoso apresentou assim os seus últimos modelos de vestidos. Gosto minha senhora?

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

O Casaco

Como o quere? Cingido ou solto?

Para o primeiro caso tem a *redingote* já sem gola de veludo mas com botões dourados ou prateados; para o segundo, escolha um confortável escocês e execute o casaco *vague*, com espelho redondo, contornando os ombros; daí para baixo é que partem as mangas.

Pode ter uma grande boina, género tambor, em feltro, com a parte superior no escocês.

O Turbante

Quanto menos *jersey* há mais se usa para os turbantes, que são complicadíssimos. Também se fazem em lã drapejada, sobre feltro.

Rivalizam com as capotas das nossas avós que, para o retrocesso ser mais flagrante, até têm fitas sob o queixo.



Elegância requintada

Saia e blusa

Foi até aqui *tenue* para almoço, não?

Mas, agora, a saia desce até ao chão e a blusa faz-se em tecidos ricos: musselina, *Saize* adamacada, seda natural, renda preciosa.

Combinações de cores: saia *bordeaux* com blusa azul pastel; saia preta com blusa branca; saia castanha com blusa rosa pálida ou cereja.

A canadiana

N frio vai diminuir. E, então, a peliça já não precisa de ir até à beira da saia.

Faz-se, por isso, a *canadiana*: um casaco três-quartos ou mesmo pela anca, em lã grossa, forrado inteiramente (excepto as mangas) com pele.

Vê-se muito a *canadiana* branca, forrada a lontra; a de pano verde, forrada a castor, a encarnada com forro de coelho branco.

A Meia

Para ser boa, quer fina, quer grossa, tem de ser elástica. Se deseja verificá-lo, meta a mão por dentro até à altura da barriga da perna: distender-se-à e voltará logo à primeira dimensão.

A meia fina é transparente porque a seda é quasi impalpável e não porque as malhas sejam largas. Estas são, até, muito cerzadas.

Gulinária

Mayonnaise Quente

Bater 4 gêmas. Quando estiverem espessas, pôr em banho-maria. Ir deitando colherinhas de azeite, mexendo bem. Temperar com sal, vinagre em mólio inglês. Mexer bem até ficar grosso.

Não tirar do banho-maria até ao instante de servir, para que não esfrie.

O Lenço — sua origem

Antes de Luís XVI, não sei como é que as pessoas se assoavam. Ou antes sei... Isto é má língua. Já havia lenços. Luís XVI não fez mais do que regulamentar a forma. Até aí era redondo e éle prescreveu que «o comprimento deve ser igual à largura».

A sua origem tem já três séculos e deve-se a uma mulher de Veneza que se lembrou de recortar de um pedaço de linho um bocadozinho que enfeitou com linda renda. Daí a levá-lo ao nariz foi, não direi um passo, mas aquêl gesto que dizem ser tudo.

Chamou-lhe *fazzoletto*.



Um casaco de linhas simples



Repare na aligeira do casaco da esquerda



GENERAL BRADLEY ★

COM a nomeação do general Bradley para comandar as tropas americanas que se encontram na Gran-Bretanha, pode considerar-se completa a equipa dos grandes chefes da invasão. Eisenhower, que dirige superiormente essa tarefa gigantesca, tem junto de si um núcleo de colaboradores de valor inestimável: Tedder e Montgomery, Ramsay e Leigh Mallory, Spaatz e Bradley.

O general Bradley, que fez uma grande parte da sua carreira na arma de infantaria, comandou o segundo corpo de Exército americano durante a batalha da Tunísia e a campanha da Sicília. Na opinião dos círculos militares de Londres e de Washington é considerado como o mais hábil chefe americano no terreno da luta.

O general Bradley, que conta actualmente cinquenta anos, é natural de Moberly (Missouri) frequentou a Academia Militar de West Point de onde saiu em 1915, nas vésperas da intervenção americana na outra guerra. Professor na arma de infantaria ensinou, com uma proficiência indiscutível, os assuntos da sua especialidade na Academia onde fizera a sua preparação profissional.

Só voltou a deixar West Point em 1938, quando a segunda conflagração era já uma ameaça no horizonte internacional para se dedicar estreitamente à tarefa de reorganização do Exército dos Estados Unidos.

Nomeado para o Estado Maior do ministério de Guerra conservou-se durante três anos em Washington. Foi então promovido a brigadeiro e confiaram-lhe um posto de comando. Em Fevereiro de 1942 era general de divisão e comandante da 82.ª divisão de infantaria.

CRÓNICA INTERNACIONAL

O REGRESSO DO PRIMEIRO MINISTRO

QUANDO o sr. Churchill fez a sua reaparição sensacional no recinto dos Comuns, a Câmara fez-lhe uma ovação extraordinária. Essa manifestação não está nos hábitos nem nas tradições do parlamentarismo britânico. Para o sr. Churchill, que tem ali feito toda a sua carreira política, ela constituiu, decerto, o melhor prémio para uma actividade que se projecta para além das fronteiras do seu país e fez do chefe do governo inglês a primeira e a mais representativa personalidade do nosso tempo.

O Primeiro ministro regressou ao desempenho regular das suas funções quando seria natural e legítimo que continuasse na convalescência duma doença grave. Mas, nem o seu temperamento nem a noção que tem dos seus deveres e das suas responsabilidades, lhe consentiram que demorasse um dia sequer, o afastamento obrigatório de algumas semanas a que não pôde, sob pena de conseqüências fatais, eximir-se.

O mundo seguiu, com uma ansiedade crescente e compreensível a evolução da doença e da cura do Primeiro ministro da Gran-Bretanha. A notícia de que êle se encontrava novamente atacado de pneumonia, a segunda no curto prazo de alguns meses, criou um sentimento de inquietação que se espalhou da Gran-Bretanha a todos os recantos do globo.

Os países beligerantes que combatem ao lado da Gran-Bretanha e, de maneira especial os Estados Unidos da América do Norte, onde o sr. Churchill goza duma popularidade que nenhum estrangeiro igualou, sentiram que o seu desaparecimento bem poderia traduzir-se pelo atraso na realização da vitória. Os outros países encararam essa doença como uma ameaça para êxito dos princípios humanos e eternos de que o sr. Churchill se constituiu campeão desde que, há aproximadamente quatro anos, assumiu as responsabilidades da direcção dos negócios públicos na Gran-Bretanha.

Logo que as melhoras se iniciaram e êle pôde partir para o local onde devia fazer a sua convalescência, iniciou uma série de conferências da maior importância que completaram a tarefa cotidiana do seu contacto com os meios oficiais de Londres e de Washington. As suas conversações com o general Eisenhower, comandante supremo das forças de invasão, e com o general De Gaulle, presidente da Comissão de Argel, e os seus contactos diários com Lord Beaverbrook, que está especialmente encarregado de regular a organização futura das rotas aéreas mundiais, contribuíram, certamente, para esclarecer alguns dos seus conhecidos pontos de vista sobre assuntos de significação predominante.

Assim, ao comparecer na Câmara dos Comuns, dir-se-ia que o sr. Churchill não estivera um dia sequer afastado das suas funções, tal o conhecimento perfeito que possuía de todos os problemas pendentes. A sua declaração de que serão brevemente publicados os documentos oficiais relativos à reconstrução do território foi recebida com um entusiasmo compreensível. A sua intervenção imediata, para a resolução satisfatória das divergências suscitadas entre a Polónia e a Rússia, teve um efeito salutar. A sua presença na plataforma da invasão significa para toda a gente que estará presente, para o acto decisivo, o homem que mais e melhor tem sabido trabalhar para a sua realização. Esta convicção, que é ao mesmo tempo uma certeza, vale certamente, nas vésperas do ataque, tanto como o apoio de alguns exércitos bem adestrados e bem equipados.

O OBSERVADOR

As portas de Roma

O mais difícil da campanha de Itália tem sido o mau tempo. Um inverno rigoroso, com copiosas descargas de neve, transbordamento de rios e lama alterosa, dificultou de certa maneira o avanço das Nações Unidas. Mas a espada libertadora está apontada sobre Roma, e os alemães não conseguiram desviá-la, sequer um milímetro. Nessa frente, como nas outras, a iniciativa está nas mãos dos generais anglo-americanos. Os alemães são batidos, diariamente, abandonando as melhores posições estratégicas, mesmo as que estavam escaloadas nos maciços montanhosos, e que por isso eram duma fácil defesa.

O recuo prossegue. De Cassino a Roma são cem quilómetros, mas de Nepesino até lá o caminho é ainda mais curto: uns vinte quilómetros de arrabaldes. A cidade eterna está à vista!

Submarino histórico

Há navios nesta guerra que o destino fadou para as grandes e perigosas missões, parecendo invulneráveis à vigilância e às armas inimigas.

O submarino britânico «Seraph» é um déles Comandado desde o princípio da luta pelo capitão-tenente Jewell, tem 40 homens de tripulação, e, afundou mais de sete mil toneladas de navios inimigos no Mediterrâneo.

Não foram, porém, somente os seus feitos contra a navegação que o tornaram célebre. A êle incumbiu a missão de levar à costa do Norte de África, ocupada pelos alemães, o general americano Clark e outros oficiais do estado maior americano que ali iam preparar o desembarque aliado. Cumprida a sua missão tornou a embarcação, deixando a costa tranqüila, calma e segura como a encontrara. De nada suspeitou o inimigo.

Quando do desembarque aliado, foi também o «Seraph» que, desta vez, ao largo da costa sul da França, embarcou o general Giraud e o levou até ao centro do Mediterrâneo. Ali, o fugitivo dos cárceres alemães passou para bordo de um hidro-havião que o havia de conduzir ao Quartel General de Eisenhower.

Qualquer destas missões, pelos seus riscos e pela pericia exigida, faria a glória de um barco. O «Seraph» cumpriu-as simplesmente, sem alardes e prosseguiu as operações contra a navegação inimiga no Mediterrâneo.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade do Mundo Gráfico, L^{da}

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa do Oliveira, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Almirante Fraser, comandante da Home Fleet



General Alexander, comandante-chefe das forças aliadas na Itália



General Spatz, comandante-chefe das forças norte-americanas de bombardeamento à Europa



Marechal Tedder, comandante-chefe das forças aéreas do Médio Oriente



O Almirante Cunningham, 1.º Lord do Almirantado



Almirante Ramsay, comandante-chefe das forças navais de invasão



General Montgomery, comandante das forças inglesas da 2.ª frente



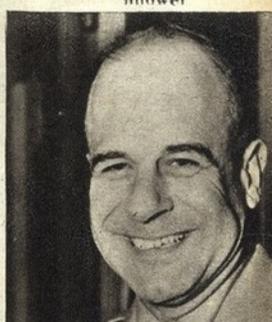
Generalissimo Eisenhower, comandante-chefe de todas as forças de invasão



Major-general Walter Smith, chefe do Estado Maior de Eisenhower



General De Gaulle, comandante dos franceses livres, na Inglaterra



Major-general Doolittle, comandante das forças aéreas de invasão

BATALHA DA EUROPA

Londres

El Alamein

Tripoli

Itália

Malta

UM jornal sueco de grande circulação afirmou que, na próxima invasão da Europa, a proporção entre as forças aéreas aliadas e as forças aéreas alemãs será de um para cinco, enquanto a proporção entre as forças terrestres dos atacantes e dos defensores será de dois para um. Quere isto dizer que, por cada avião aliado em acção, haverá apenas um aparelho com a cruz suástica, e que cada soldado da Wehrmacht terá de defrontar dois soldados anglo-americanos. Ninguém ignora que a desproporção de forças entre os homens que assumiram o encargo de libertar o nosso continente e aqueles que desejam mantê-lo no regime de ocupação em que actualmente vive, é gran-

de. Ninguém ignora, também, que a produção industrial da Gran-Bretanha e dos Estados Unidos deu às suas forças, para a hora em que lhes fôr comunicada a palavra de ordem do comando, um material e um equipamento incontestavelmente superiores àquêles de que os seus inimigos dispõem.

Mas serão apenas êsses factores que vão entrar em jôgo, na luta gigantesca que está prestes a travar-se e de cujo resultado depende a sorte de tantos países e, mais do que isso, o futuro do mundo e o destino duma civilização? Sem dúvida os nomes de Eisenhower e de Montgomery, de Tedder e de Bradley, de Ramsay e de Mallory, constituem uma garantia,

Mareth

Estalinegrad

Sicília

Taranto

Bizerta



tanto como os nomes do general Wilson e do general Alexander que devem dirigir as operações na área do Mediterrâneo. Todos eles deram as suas provas. Foram eles que fizeram empalidecer, em Alamein e em Tunis, a estrela de Rommel. Nada deterá a sua marcha libertadora.

Sem dúvida, os bombardeiros e os caças anglo-americanos, os seus tanks, que hão-de abrir o caminho da França, da Itália e dos Bálcãs e a sua artilharia de todos os calibres constituem um equipamento inigualável. Sem dúvida, os soldados que se bateram em Dunquerque e na Grécia, na Líbia e na Tunísia, na Sicília e no sul da península italiana, representam uma garantia de que os seus rasgos

(Continua na página 29)

Um brilhante ataque da infantaria das Nações Unidas a uma posição inimiga, donde os nazis foram desalojados casa por casa



As Fortalezas Voadoras num ataque às fábricas de material de guerra de Bremen. A zona industrial foi convertida num verdadeiro tapete de crateras



Milhares de barcaças de desembarque estão prontas nos locais estratégicos para serem lançadas na grande batalha da Europa



Como se corta o arame farpado debaixo de fogo

OS HEROIS DO AR



Este avião japonês desmantelado, que parece um abutre, é um dos muitos que as forças aéreas dos estados Unidos têm abatido no Pacífico



Carregando a metralhadora dum dos aviões de caça da R. A. F. que vai atacar os aeródromos ocupados pelo inimigo, do outro lado da Mancha



Esta mascote a que já fizemos referência, continua passeando sobre a Alemanha, onde tem tomado parte em violentos e eficazes «raids»



Um herói da R. A. F., depois de ter lançado sobre o inimigo a sua carga de bombas, numa «performance» admirável conseguiu regressar à Inglaterra, embora a cauda do seu avião tivesse sido atingida

ESTRELAS



Estas «girls» dão-nos uma imagem de alegria e movimento triunfais

PASSOU o tempo em que as pessoas davam a tudo, até aos seus divertimentos, um ar solene e quasi grave.

Hoje, e ainda bem, tudo se modificou; mas muito principalmente a maneira da gente se divertir.

Os próprios espectáculos actuais têm maior atractivo, talvez pela leveza e graciosidade dos motivos. Nada de coisas a fingir de graves. A vida não admite, hoje, grandes meditações... E um espectáculo para o público necessita ser ligeiro como uma asa, cantante como um trilo, e grácil como um sorriso feminino.

Acreditamos que, se hoje um espectador pudesse regressar ao passado e ver uma *feerie*, daquelas que fizeram êxito nos meados do século XIX, sairia da sala do teatro com um ataque de neurastenia. Dizem os saudosistas que «aquilo» — as revistas — era mais engraçado. Não estamos aqui para contrariar ninguém; mas, devemos convir que as revistas admiradas pelos nossos avós, não tinham graça nenhuma. A não ser, claro, nos trajes das *girls*, muito púdicamente enroupadas, e que naquela época se chamavam simples e prosaicamente coristas.

(Continua na pág. 30)

A ardeose. No espectáculo feérico, esta
pádua de estrelas do «Toma lá, dá cá»
está momentos de fulgurante beleza



Um conjunto estonteante de graça rítmica, a que o cenário dá um ambiente esplendoroso



Esta parece a rolha duma garrafa de champanhe crepitante e embriagante



Um friso plástico a que a indumentária dá um relêvo elegante

O GOLPE FINAL



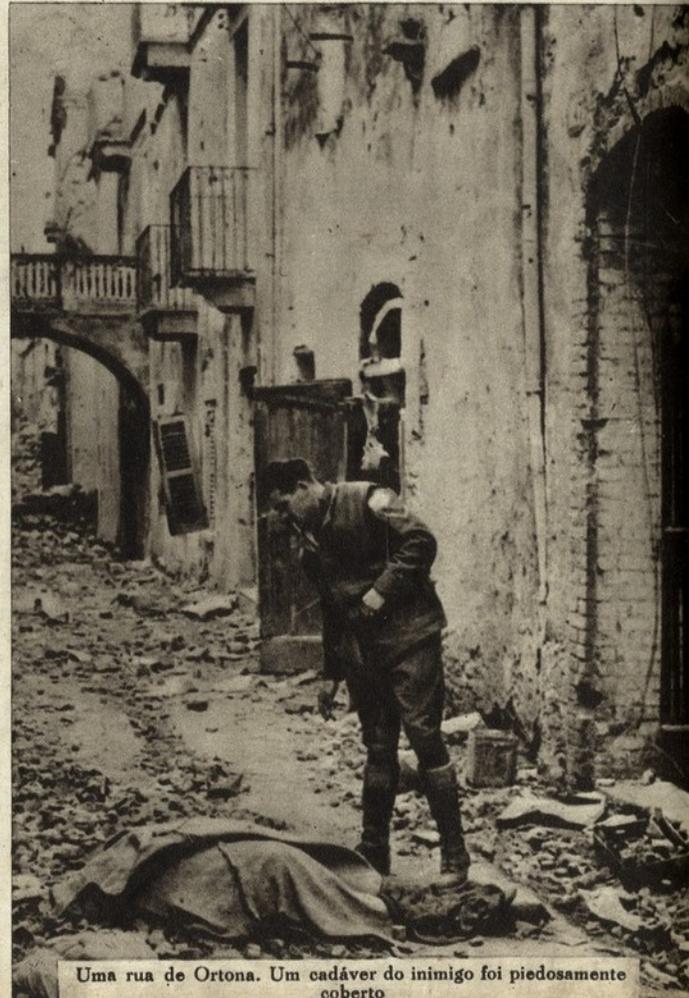
Um aspecto impressionante da luta nas ruas da Itália. Os soldados ingleses avançam sempre



As casas parece que têm bexigas. Os britânicos, mais uma vez, vão no encalço dos alemães



A aviação aliada corta as comunicações ao inimigo, na Itália. Este entroncamento ferroviário e de estradas ficou crivado de bombas



Uma rua de Ortona. Um cadáver do inimigo foi piedosamente coberto

INFERNO BRANCO

Uma linda paisagem italiana coberta por manto alvinitente. As forças do 8.º Exército já ultrapassaram o monte que se vê ao fundo



A guerra na neve exige equipamento especial não só para os soldados se ocultarem do inimigo como para deslizarem rapidamente



As mares voltaram a ter utilidade para o transporte de munições através das estreitas gargantas das regiões montanhosas



A neve, na Itália, tem caído abundantemente. O exército inglês usa veículos especiais para abrir caminho nas estradas



Esquiadores em posição de combate

AFUNDAMOS O "SCHARNHORST"



Em plena batalha. A bordo do «Duke of York», cujos canhões meteram no fundo o «Scharnhorst», um marinheiro manobra no alto de uma chaminé



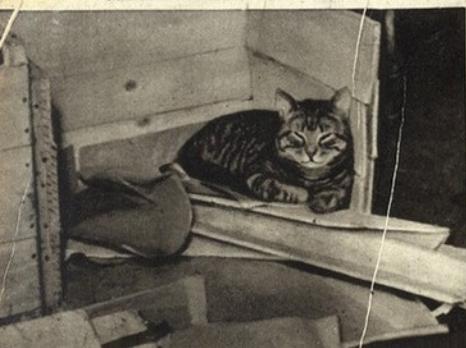
Ei-los, heróicos e sorridentes. Homens da têmpera do aço dos poderosos canhões cujo fogo certeiro fez desaparecer no fundo da Biscaya várias contratropedeiros alemães



O emblema do «Duke of York», que a vitória sobre o «Scharnhorst», imortalizou



Quando o «Duke of York» chegou, vitorioso, a Murmansk, o almirante Sir Bruce Fraser ofereceu uma festa dedicada aos seus oficiais e marinheiros e convidados de outras armadas



Este gatito, na sua cama improvisada, é a mascote do grande couraçado britânico



Como a aviação do Comando Costeiro recebe os navios alemães que se atrevem a sair para o mar



O «Duke of York» entra em Murmansk aclamado delirantemente, depois de ter escrito uma das mais belas páginas da epopeia naval da Inglaterra

FOI no dia 25 de Dezembro. Uma nova façanha, a juntar a tantas outras nesta guerra, cobriu de glória a Armada Real Inglesa.

Com o «Scharnhorst», a Alemanha perdeu uma das melhores unidades da sua quasi inexistente e inactiva esquadra de navios de linha. Lançado à água em 3 de Outubro de 1936, entrara ao serviço só em 7 de Janeiro de 1939. Irmão gêmeo do «Gneisenau», que parece, se encontra desarmado no porto de Gdynia, deslocava 26.000 toneladas, tinha 226 metros de comprimento, 30 de largura e 7,5 de calado e a velocidade de 27 nós. A tripulação era de 1.460 homens, estava armado com nove canhões de 280 mm., doze de 150, catorze de 105, antiaéreos, e dezasseis de 37, também antiaéreos. Dispunha de duas catapultas para o lançamento de quatro hidroaviões.

Desde o principio da guerra que a esquadra britânica perseguiu implacavelmente as unidades de superfície alemãs obrigando-as a procurar abrigo nos portos germânicos nos fiordes da Noruega e reduzindo-as à impotência.

A esquadra alemã ficou, agora, reduzida à sua mais ínfima expressão, deixando completamente livre à navegação das Nações Unidas o Mar do Norte, como a perda de centenas de submarinos deixou livre o Atlântico.



A GUERRA NA SELVA

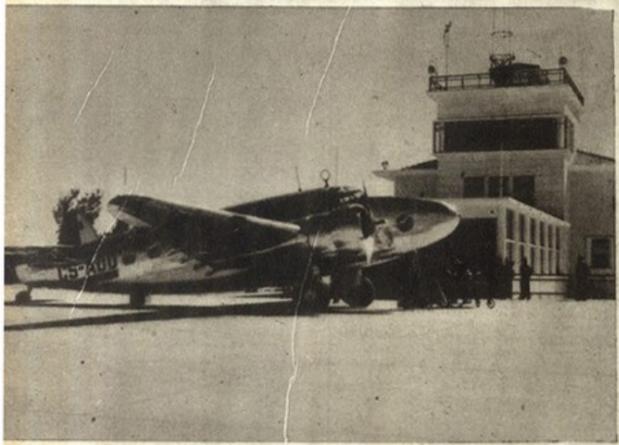
O inferno verde. A luta na selva. As emboscadas do inimigo. Os homens, pequenos, rastejando como vermes na terra quente. Os uivos dos animais ferozes. Contra tudo isto, as tropas americanas têm combatido, admiravelmente, nas ilhas do Pacífico. O seu equipamento modelar e o seu valor militar dominaram por completo o cruel agressor nipónico. Ilhas onde os "yankees", desembarquem, nunca mais são ocupadas por japoneses, aos quais têm infligido as mais trágicas derrotas. Uma patrulha americana, no meio da floresta, devidamente camuflada, vai mais uma vez surpreender e aniquilar o inimigo.

O QUE SERÁ O MUNDO DE AMANHÃ

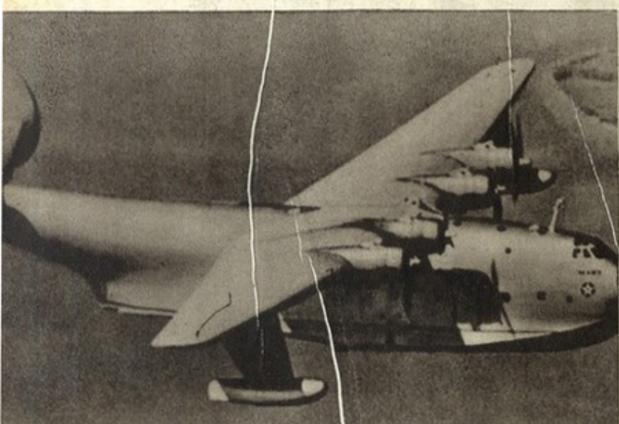


Os dirigíveis estão postos de parte para o transporte de passageiros, especialmente para os países que não têm hélio. Uma imagem impressionante do incêndio do «Hindenburg»

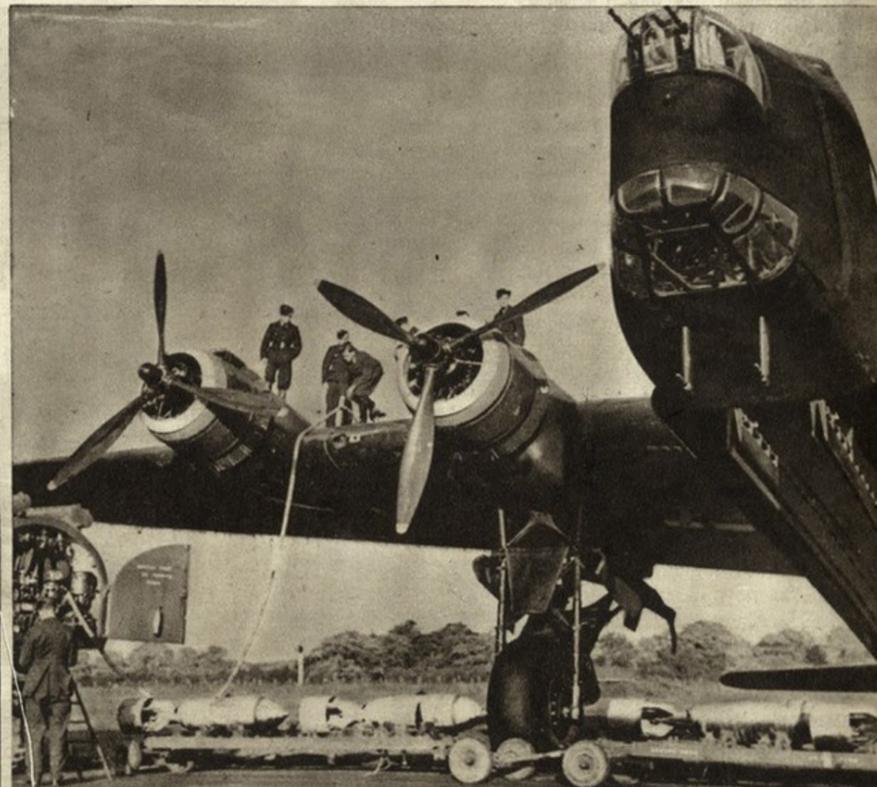
Uma visão gigantesca do mundo de amanhã. Serão assim os grandes transatlânticos aéreos, que poderão levar centenas de passageiros



O aeroporto de Lisboa, que virá a desempenhar papel preponderante nas linhas aéreas futuras. O bimotor da Aero-Portuguesa no momento da sua partida para Tanger



O gigantesco barco voador americano «Marte» que, até agora, é dos maiores que se têm construído



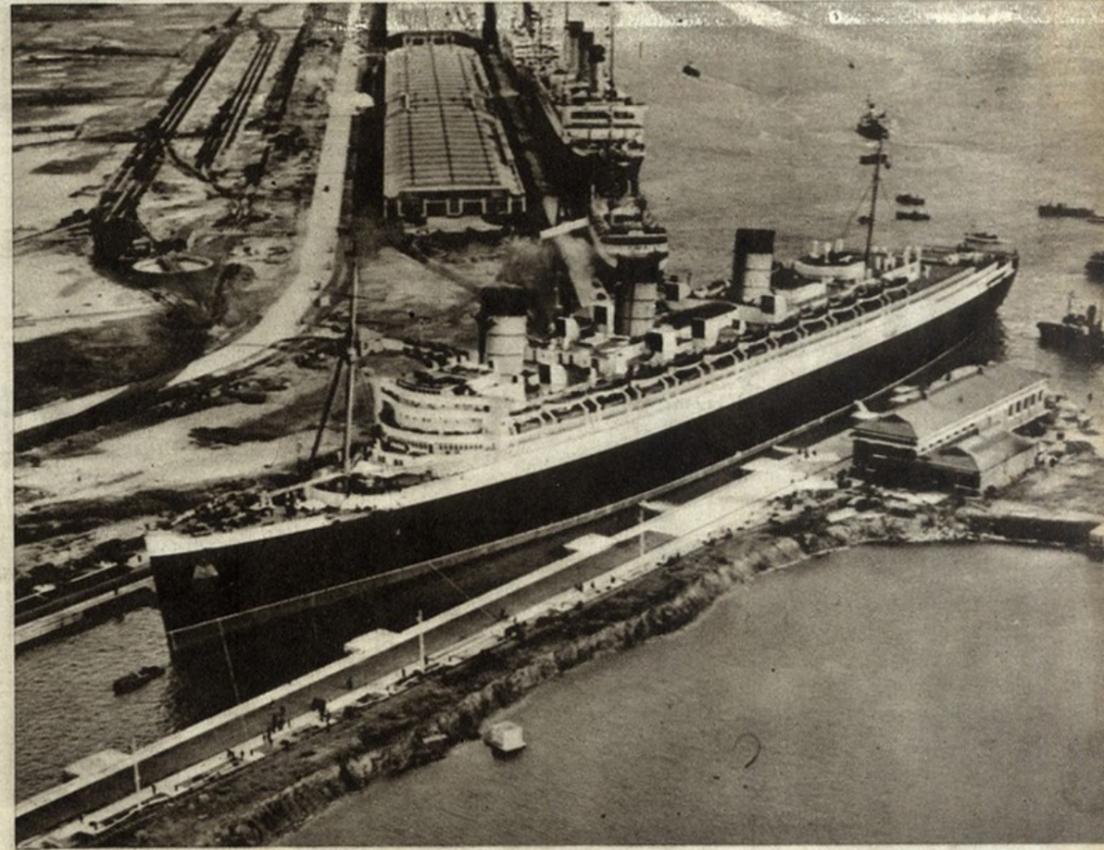
Os grandes bombardeiros ingleses, terminada a guerra, assegurarão as linhas intercontinentais

○ ESPAÇO é, incontestavelmente, a via de comunicação do futuro. O avião do após-guerra, beneficiando de todos os progressos que a técnica conquistou, destronará todos os veículos do passado, para ser ele o único — conquistador do tempo e da distância.

As imagens desta página são uma visão antecipada do mundo de amanhã — o mundo novo em que todos os homens terão direito à alegria de viver e em que todos eles se sentirão mais fortemente unidos através de asas que tornarão mais próximos os continentes e mais pequenos os oceanos.

No mundo do futuro, Lisboa desempenhará papel preponderante como a plataforma mais ocidental da Europa, trampolim incontestável para o salto vertiginoso sobre o Atlântico. A sua posição já estava conquistada antes de 1939, desde os primeiros passos para a conquista do oceano pela aviação comercial, até o estabelecimento das linhas regulares entre a Europa, nomeadamente a Inglaterra e a França, e as três Américas. A posição que a capital portuguesa já ocupava quanto às grandes linhas do Atlântico renovar-se-á, com maior propriedade aérea, quanto às rotas aéreas da complicada rede de infra-estrutura do após guerra.

Essa razão deve encher-nos de satisfação. Portugal, que descobriu mundos, alongará assim a sua projecção no espaço. O nosso aeroporto será uma das principais placas giratórias da distribuição do tráfego aéreo.



Os paquetes monumentais como o «Queen Mary» continuarão, no entanto, a sulcar os mares

ESPERAS DE TOIROS



A entrada de touros na praça de Pamplona, quando da Feira de S. Fermim



A condução de gado, em Vila Franca de Xira, por ocasião da Festa do Colete Encarnado

A S «Esperas» de Touros representam o que de mais ancestral há no espectáculo que nasceu da necessidade do homem primitivo os apanhar para lhes aproveitar a carne e a pele. O instinto de defesa do touro, as correrias e as lutas que o homem tinha de desenvolver, criaram o espectáculo que surge no circo de feras e que transita para as arenas, onde o duelo passou a ser apenas entré o homem escolhido e o touro seleccionado.

A multidão não prescinde, porém, da sua intervenção, e daí o manter-se a «Espera de touros», o «encierro», a corrida de touros à corda e outras reminiscências ancestrais, cuja barbaridade é mais ou menos condicionada por vedações, talanqueiras nos cruzamentos das ruas onde decorre o espectáculo. É tem que ver, o espectáculo, como se pode avaliar pelas fotografias que publicamos. Uma é de Vila Franca de Xira, vendo-se a condução pacífica até que os cavaleiros perdem o domínio da marcha, alterada pelos desafios dos peões que só pretendem tresmalhar, que os touros se espalhem ou, pelo menos, que se detenha um deles para o *tourrear*. *Tourear*, às vezes, é apenas chamar, gritar, desafiar de longe para logo fugir, e cair em condições mais ou menos cómicas, ou trágicas. Em Pamplona, porém, oferece aspectos mais complicados, como também se pode ver nas duas fotografias que reproduzem o momento da entrada na praça, dos touros e dos entusiastas, qual de cima, qual de baixo, em fantástica confusão.

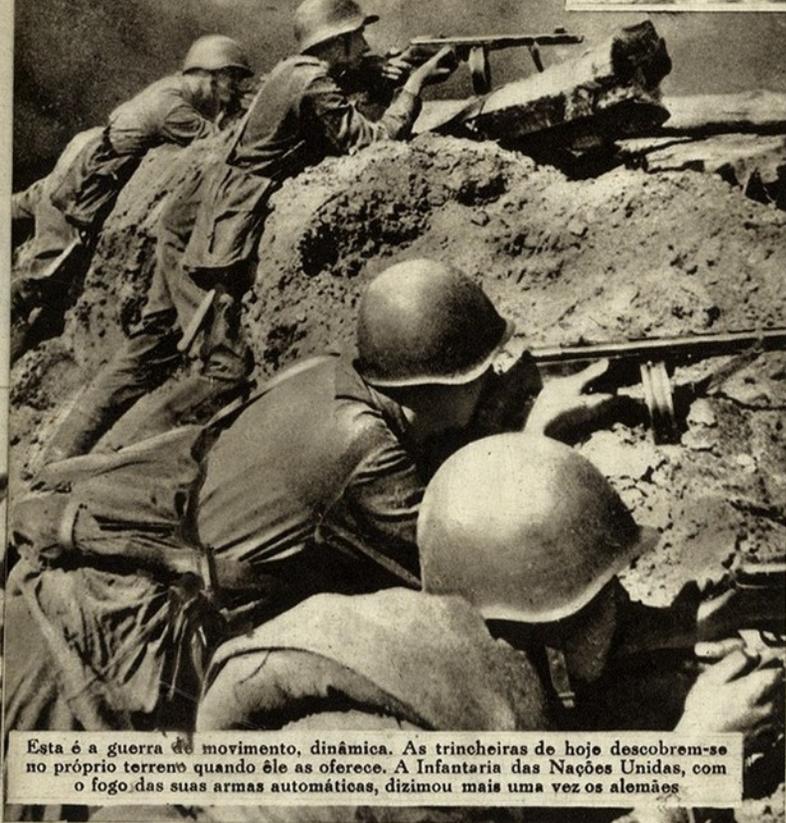


Touros e homens, quais de cima, quais de baixo, em confusão, em tropel...

IMAGENS DA GUERRA



Assim recebe a Infantaria das Nações Unidas os tanks inimigos — firme, nas suas posições. Uma granada destruidora e, depois, é a perseguição



Esta é a guerra de movimento, dinâmica. As trincheiras de hoje descobrem-se no próprio terreno quando ele as oferece. A Infantaria das Nações Unidas, com o fogo das suas armas automáticas, dizimou mais uma vez os alemães



Tropas de engenharia montam linhas telefônicas da frente para a rearguarda



O fogo dos nazis não os detém. Entre a metralha e os escombros, eles avançam, direitos, obrigando o inimigo a retirar



A CONQUISTA DE ROMA



A conquista de Ortona. Vê-se ainda nas ruas a fumaçada dos últimos combates. Agora, já é uma cidade da rearguarda



O soldado inglês é o mesmo da Flandres. Na campanha de Itália, além do inimigo, venceu as intempéries. Uma estrada coberta de destroços nazis



Campo de batalha. A chuva caiu em certa altura chegando às posições de artilharia. Nem por isso,

tão copiosamente que o rio Moro inundou as margens na hora precisa, Alexander lançou o ataque decisivo



A trincheira de hoje mais superficial do que na outra guerra. Como os ingleses vigiam uma estrada estratégica que a lama converteu num tremedal

A humanidade do soldado britânico. Estes pararam o seu tank para auxiliar duas velhinhas que regressam à sua aldeia



As tropas americanas lançam-se ao assalto com dramática bravura, pondo termo à ocupação japonesa em Tarawa

Nesta pequena aldeia os alemães resistiram algumas horas, mas foram para

ali dominados, como, de resto, em tôdas as localidades que abrem caminho Roma

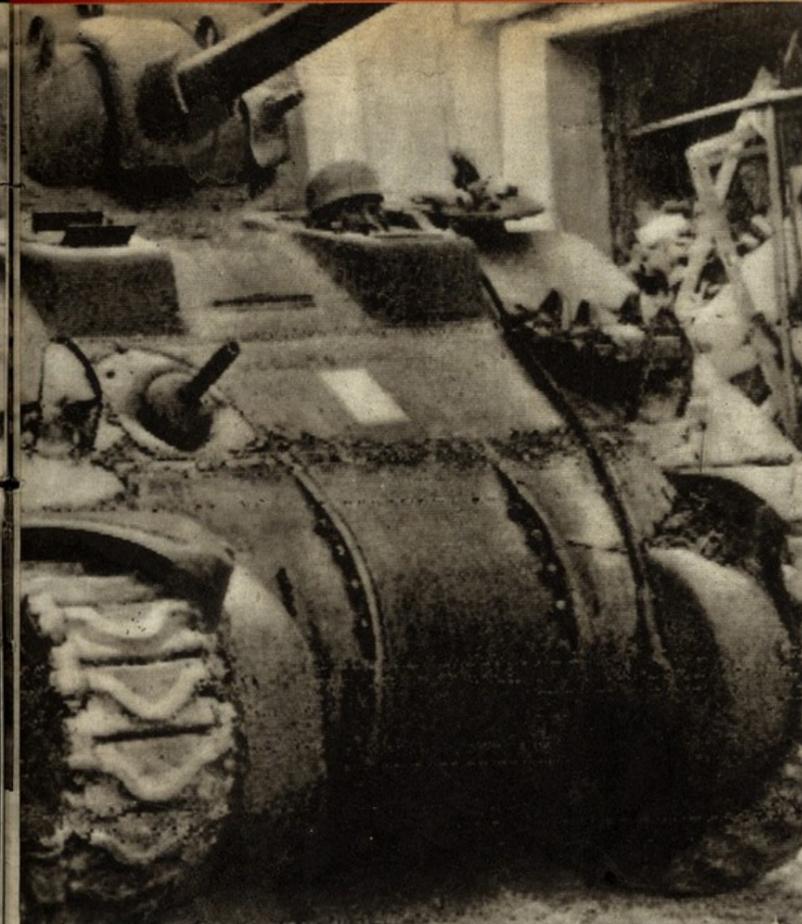
Os prisioneiros alemães ao princípio da guerra mostravam-se arrogantes. Agora, porém, estão sorridentes, incluindo este rapaz de 15 anos, por a luta ter acabado para eles



Depois da passagem do Carigliano, perseguindo os alemães para o Norte. Soldados da França livre, incorporados nas forças anglo-americanas, entram numa povoação italiana



Os nazis abandonaram esta localidade italiana, para além do Carigliano. F. dizim.



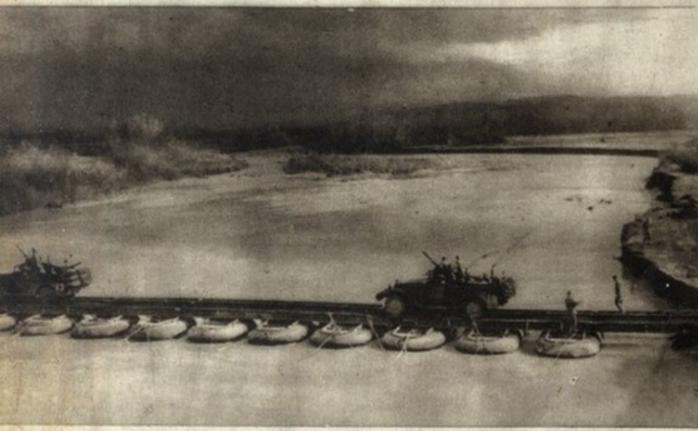
Forças canadianas entram ali, com os seus poderosos blindados, cujos canhões aram os nazis



As forças das Nações Unidas no assalto, protegidos por densa barragem da sua artilharia. Os alemães bateram em retirada



Os homens de El Alamein ganham a batalha do Sangro. O 8.º Exército avança pelo meio dos tanks alemães em chamas



Lama, mais lama e cursos de água correndo entre as montanhas, são os obstáculos que as forças das Nações Unidas têm de vencer no seu irresistível avanço na Itália, em perseguição do inimigo

NO TEATRO



Por entre os escombros de uma cidade em ruínas, a Infantaria assalta as últimas posições alemãs que em breve caem nas suas mãos



Quando os nazis abandonaram Ortona, a cidade eslavava em ruínas provocadas pelas bombas de retardador que eles



A neve cai abundantemente sobre o campo de batalha e as intempéries obrigam a árduo trabalho para o avanço das colunas motorizadas

DA GUERRA



A neve cai abundantemente sobre o campo de batalha e as intempéries obrigam a árduo trabalho para o avanço das colunas motorizadas

FIGURAS E FACTOS



Os srs. Presidente da República e do Conselho, ministro das Finanças e o subsecretário das Corporações ouvindo o discurso do sr. subsecretário das Obras Públicas, na inauguração do Bairro de Casas Económicas da Madre de Deus



As provas de doutoramento de Cavaleiro Ferreira, na Faculdade de Direito



S. E. o Cardial Patriarca recebe os estudantes missionários espanhóis



A homenagem ao sr. cônsul geral da Gran-Bretanha



Crianças hebraicas que embarcaram no «Niassa» para a Palestina

Alemanha em 1939.....

Países ocupados.....

Território retomado pelos Aliados.....

Afundamento do "SCHARNHORST"
— 26. DEZEMBRO —

Destruição dos diques
— 17. MAIO —

Perdas alemãs na Rússia

Aviões	14.000
Tanks	25.000
Canhões	40.000
Baixas	4.000.000

19.000 Ton. de bombas sobre Berlim

200.000 Ton. de bombas sobre a Alemanha

200 Submarinos afundados

Batalha de Leninegrado
— 18. JANEIRO —

Conferência de Moscovo
— 20 a 31. Outubro —

Libertação de Estalinegrado
— 31. JANEIRO —

EXÉRCITO RUSSO — 1. Janeiro

Exército Russo
— 31. DEZ. —

5ª E 8ª EXÉRCITOS — 31. Dez.?

Conferência de Teherão
— 28. NOV. A 1. DEZ. —

O Rei Jorge VI visita o Norte de África
12. JUNHO

19º EXÉRCITO — 1. Jan.?

Entrega da Esquadra Italiana
— 11. SETEMBRO —

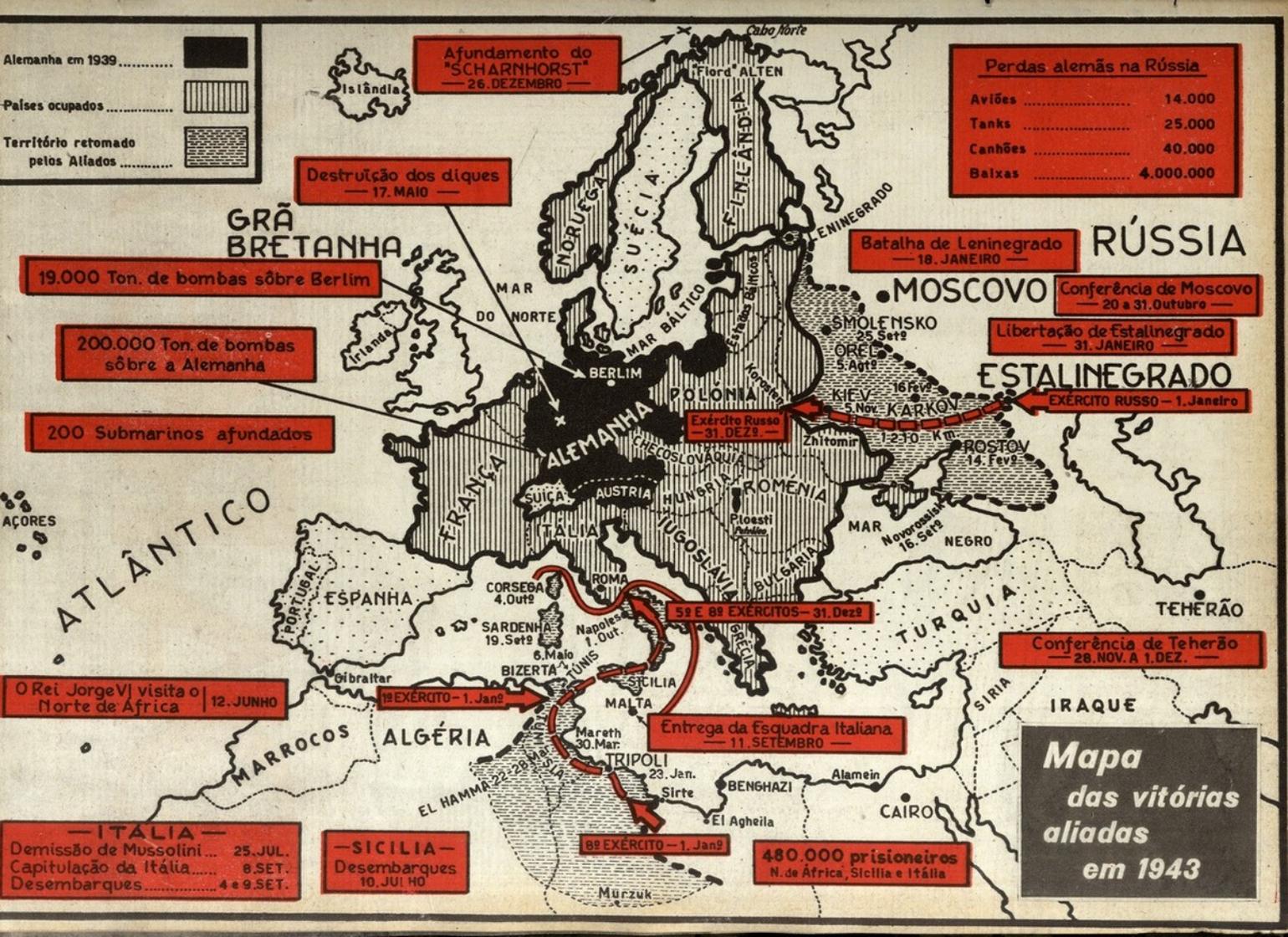
— ITÁLIA —
Demissão de Mussolini..... 25. JUL.
Capitulação da Itália..... 8. SET.
Desembarques..... 4 a 9. SET.

— SICÍLIA —
Desembarques
10. JUL. HO

8ª EXÉRCITO — 1. Jan.?

480.000 prisioneiros
N. de África, Sicília e Itália

Mapa das vitórias aliadas em 1943





D'ARGY

CREME DE BELEZA VITAMINADO, PÓ DE ARROZ E ROUGE

Um triunfo teatral

O êxito unanimemente reconhecido pela critica, de «O Zé do Telhado», peça que o jornalista João França escreveu e Jaime Mendes, com raro poder de inspiração, musicou, veio mais uma vez pôr em evidência uma arrastada e valha questão teatral muito debatida nos meios informativos de factos que se relacionam com a arte dramática, e que é a seguinte: alegam alguns que a estreia de um autor é sempre evento duvidoso sob o ponto de vista de triunfo. Mas o caso, cremos, deve ser outro!...



O Teatro é uma arte; e, como qualquer arte, pode ser praticada com maior ou menor elevação de espírito, sem que para isso haja que pedir ao escritor certidão de idade.

Muitos nomes consagrados têm sofrido espantosos êxitos.

Também não é condição indispensável a triunfos o facto de se haver escrito muitas peças. Nem o valor se manifesta pelo número. Há autores dos quais nem sempre as últimas peças são as melhores.

Deixem, pois, que os novos se revelem talqualmente são. Nem todos os artistas são génios. Mas também é certo que para atingir fácil celebridade não é imprescindível exteriorizar um talento que muitas vezes não passa de um fôgo fátuo — com fatuidade e tudo.

João França demonstrou com exuberância que possui admiráveis qualidades de teatrólogo. E este facto é que nos agrada salientar e, principalmente, nos apraz reconhecer.

Que diabo se os jornalistas passam a vida a chamar génios aos outros, não será de mais que se reconheça, com justiça, o valor de um camarada que labuta nas gazetas. E cremos que o público não esquecerá o seu nome.

Questões de idioma

CONTA um jornal belga o seguinte episódio: Um habitante de Liège foi admoestado por um soldado das forças de ocupação por não haver cumprido, rapidamente, uma ordem que lhe fôra dada.

— Não sei alemão — respondeu o belga.
— Pois já tinha tempo de o saber — ripostou-lhe o soldado.

— Parece-lhe... Ando a aprender inglês e preciso de acabar as lições o mais depressa possível.

“Vida e obras de Zolá”

ÉIS um livro que está muito acima da vulgaridade literária de uma grande parte da produção livresca actual.

«Vida e obras de Zolá», obra escrita por A. Luquet, e agora dada à estampa, merece registo saliente, dada a grandezza do tema, a seriedade da sua factura e a nobilíssima intenção de quem a subscreve.

Não cabe no limite destas linhas, nem está na competência de quem as traça, ampla análise a tão notável estudo. Todavia, registamos, com o orgulho de admirar, o facto, que constitue consolador acontecimento literário. Trata-se de uma obra de beleza, de verdade e de nobres aspirações.

Pôsto que a obra seja assinada por A. Luquet, nome com o qual o público está pouco familiarizado, reconhece-se sem esforço, através da perfeição e clareza expositiva, o espírito superior de quem a realizou pois o seu autor é, além de um lúcido pensador e homem de letras, a mais forte e completa personalidade de jornalista do nosso tempo.

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Mistério

PÔSTO que as historietas sejam quasi sempre banais, há, contudo, algumas que se revestem de mistério.

Um velho de encañecidos e longas barbas e de aspecto um todo nada fôssil, mas que teimosamente não julga ser do tempo antigo, contava-nos há pouco uma história ligeiramente misteriosa.

Referiu-nos elle que em certo lugar, tido por afreguesado, vira alguém negociar com coisas relacionadas com a superstição.

O homem tinha a sua «mercadoria» à venda e, ao aproximar-se qualquer ingénuo comprador, declarava:

— Custa tanto...
O comprador retorquia:

— Não tem mais barato?

— Não, senhor. — Ripostava o vendedor. E é se quer!...

O pobre do comprador, fascinado pela droga, arriscava, depois de muito coçar a cabeça:

— Bem, deixe cá ver...
Observava-lhe o vendedor, que pelos modos sabia do negócio:

— Vá-se lá embora... isso fica por minha conta.

E o pobre diabo retirava-se quasi vexado... e, entretanto, outro parecido e mais outro e muitos mais seguiam a dar aima ao negócio.

Foi assim que o velho nos contou a historietta.

Claro, que pouco vislumbamos através das palavras sibilinas do velho.

Mas, decerto, elle lá tem a sua fisdaga e qualquer dia é muito capaz de pôr tudo em pratos limpos.

Sim, porque os velhos também têm as suas crâncias!...

MISSÃO DO HOMEM

VEM de séculos a luta do homem contra os males que afligem a pobre humanidade. Reconhecemos que ainda não foi possível — e não sabemos se o será mais tarde — fazer da vida humana um motivo enaltecedor e belo.

Todavia, no caminhar dos séculos, não mais de assimilar os esforços bondosos dos sábios, do que a maldade dos portentosos. Aquêles sacrificam a vida pelo bem alheio; os poderosos passam, depois de encher de sombras o curto periodo da existência própria.

Alexandre Fleming, o sábio escocês, ao cabo de mais de uma dezena de anos de numerosas experiências de laboratório, acaba de prestar à ciência um assombroso tributo. A descoberta, feita por elle, da «Penicilina», pode ser considerada como a maior revelação efectuada no campo da Ciência pura, nos nossos dias.

Quando a «Penicilina» se tornar acessível a todos os indivíduos, ricos ou pobres, que necessitem dela para salvar a vida, o maravilhoso medicamento, que é um poderoso bactericida, tão eficazmente empregado, tornará a vida menos dolorosa. E o nome de Fleming será recordado como um dos mais notáveis e esforçados benefactores da Humanidade. A penicilina não é como se poderá julgar, descoberta recente. Alis como todo o mundo sabe, as descobertas não são expontâneas.

As primeiras tentativas de laboratório foram principiadas há quasi onze annos. De então para cá uma successão de ensaios conduziram Fleming, à conclusão científica recentemente divulgada.

Felizmente, que as experiências, ou melhor, a sua applicação, obtiveram resultados amplamente satisfatórios.

A Humanidade pode contar com a Ciência.

Os homens que até em tantos casos, dão a sua vida pelo bem alheio, têm missão heróica: — tornar menos doloroso o mal dos humanos,



Escala de sol e de lirismo

Clamor remoto

HÁ clamores que a maldade dos homens não permitiu ainda extinguir totalmente: são, parece, de todos os tempos.

Silva Pinto, há mais de meio século, escreveu estas frases amargas:

«Eu tive de lutar com a lenda de rebelião, com a desconfiança dos homens práticos, com o ódio dos pequeninos malvados ofendidos em seus orgulhos e desmascarados em suas hipocrisias; Consequentemente, com a supressão do trabalho — do pão».

Por mais que pretendamos esquecer as vociferações dos que foram justos e sofreram por suas idéas, não conseguimos ainda hoje eliminar a porção de maldade que forma a parte torpe de tantos seres, animalmente, felizes.

João Neves da Fontoura

Foi eleito sócio correspondente da Academia de Ciências o dr. João Neves da Fontoura figura saliente da cultura brasileira.

A homenagem prestada ao orador e homem de letras é a todo o ponto justa.

Pois cremos que a melhor maneira de entendimento entre povos, é ainda a conseguida por aproximações de inteligência.

PERDIDO

Novela de FERNANDA MARIA

SENTIA-SE só, entre toda aquela gente que passava indiferente, no vai-vem da rua. Sempre fora só. Pensava que havia de ser bom ter alguém que o lembrasse com carinho, o lamentasse como ouvira dos outros: Coitadinho, está a crescer, precisa de comer bem. A sua fome fazia-lhe vir à memória pedaços de conversas dos outros rapazes: Tava cheio de traço. Bati-me ali com uma prstada que mandava balance. A minha velha lá aranja de vez em quando uma petisqueira de se lhe tirar o chapéu. Ele não, não tinha o direito de comer. Era um comilão, dizia a madrastra.

Não podia comer mais que uma fatia de pão, um prato do que houvesse, e mal cheio. Chega muito bem; se o deixassem era capaz de comer o tacho. E às vezes parecia-lhe que sim, que era capaz disso. Lá em casa, dormia em cima, no sótão, um sótão grande a todo o tamanho da casa, onde só havia coisas desmanteladas e a sua cama, com um colchão tão duro que parecia um enxergão. O assalho era um cobertor único, já velho, de verão e de inverno, e, nas noites de frio, ficava a trirrar, por mais que se encolhesse e enrolasse na roupa.

Para ser tratado assim não merecia a pena ter casa, alguém. Era preferível ser vadio. Uma vez fugira, mas voltara. A fome apertou tanto... não arranjou nada, nem muito nem pouco, que comer. O estomago doía-lhe, doía-lhe. Deram-lhe uma grande tarefa antes mesmo de lhe darem um bocadinho de pão. Não compreenderam, ela, a madrastra, e o pai, que só procurava ser agradável à mulher e, como não tinha força de vontade para deixar de beber, batia no filho, «aquele malcriadão», para a contentar. Não compreenderam que ele não fusira por ser madraço, não quer trabalhar. Não; o que estava era farto de aturar aqueles doidos, de ser maltratado. Ele era muito mau? Chegava a convencer-se disso, à força de o ouvir repetir, mas também para que servia ser bom? Às vezes fazia tudo o que lhe mandavam com diligência e boa vontade; outras vezes não. Se «ela» havia de arranjar sempre com que implicar! Mas o mestre, na oficina, não se queixava dessa maneira. Considerava-o um rapaz como os outros. Ralhava-lhe como a qualquer; não procurava motivos. Ele uma vez até dissera em casa:

— Sempre a embirrar com uma pessoa. O meu mestre não me trata assim... É porque não sou tão mau como dizem.

— Cale-se, atalho loço o pai ameaçador. Ora o fedelho a criticar os actos das pessoas! Tu és um malandro que não respeitas o teu pai e aquela que te serve de mãe, e um dia meto te na casa de correcção, que lá endireitam-te a cavalo-marinho.

Que horror a casa de correcção! Então lá ainda seria pior? Aquela que te serve de mãe. Como era possível aquela mulher servir-lhe de mãe; que mãe era aquela? Não, não tinha mãe. Morrerá quando ele nasceu, sempre ouvira dizer. Havia de ser bom ter

mãe, havia, mas só conhecera madrastras. Uma quantidade! Aquela já a aturava há uns poucos de anos e, por azar, era a pior de todas. Novamente recordava coisas dos colegas. Escapei de boa porque a minha mãe lá indrminou o meu pai. Ele estava pior que um urso. Não, nunca ninguém o encobriera. Não tinha mãe. Ninguém lhe preparava lanches como via os outros comer. Ia à gndais, para a Ribeira, que ficava ali ao pé da oficina, na hora do almoço. Habitava-se e gostava. Aquilo era engraçado, surripiar ali mesmo nas barbas das mulheres e elas sem toparem nadinha. Juntavam-se em grupos para atrapalhar o mulherio, e roubavam à sociedade, mas nunca ficava satisfeito. E tinham que ter cuidado por causa da policia — dar o pinote a tempo.

Agora não voltava para casa nem que reben-asse. Para quê? A remoer as ideias fartava-se de andar e tinha o corpo quebrado. Era já noite e rondava ainda de volta da praça da Figueira. Fora para ali de d'a, vêr se podia deitar a mão a alguma coisa e para despistar, andava fóra dos sitios habituais. Que eles não iam procurá-lo, com certeza. Queriam lá saber! Só se fosse para lhe dar uma data de pancada. Mas só conseguira palmar duas castanhas.

A praça fechada há muitas horas e ele continuava para ali, sem saber para quê. Olhava as montras das casas de pasto das ruas da vizinhança e não podia tirar os olhos daquelas pescadas ainda cruas, nas trevas; daquelas peças de carne; leitões assados; cachuchos fritinhos, e tudo enfeitado com salsa, muito bonito. A duma montra para a outra e ficava a olhar, esquecido de tudo o mais que não fosse a sua fome. Cusavam-lhe inveja as pessoas que entravam para comer e aspirava como um cão o cheiro dos guisados, do arroz da sopa. Numa leitaria tinham broas merendeiras, umas broas maioritas, com um leitreiro espetado; A \$50. A cinco tostões! Se ele tivesse cinco tostões... Contentava-se com uma. E se pedisse?

— Dê-me um tostãozinho p'ra ajuda duma sopa, implorou a um homem que saía duma taberna, enchendo-se de corações.

— Tira-te daqui, respondeu o homem mal humorado. Mas deu uns passos pouco firmes e, voltando atrás, perguntou:

— Ouve lá, ó rapaz, o que é que tu disseste? Querês p'ra quê, p'ra uma sopa? É capaz de ser aldrabice, ser p'ra cigarros ou p'ro cinema, mas toma lá...

E deu-lhe dois tostões. Animou-se e pediu mais, a outras pessoas. Uns não lhe davam sequer resposta; outros empurravam-no com brutalidade; alguns davam. Arranjou, assim, oito tostões, nem mais um tostãozinho, por muito que porfiasse. Já era tarde, não sabia que comprar com aquele dinheiro. Meia sopa custava dez tostões e era uma caldibana, sopa de taberna; era só por ser quente. Talvez fosse melhor uma daquelas

broas merendeiras por cinco tostões; ficava com o estomago mais cheio e ainda lhe sobravam três tostões, que podiam ser para um copo de vinho ou de aguardente, para aquecer. E foi como fez.

O alcool deu-lhe uma sensação de estomago satisfeito. Andara quilómetros sem sair daquelas rusinhas. Apetecia-lhe dormir. Num sitio mais escuro, encontrou uma porta de escada aberta. Entrou, deixou-se para um canto e adormeceu. Dormia ou não dormia? Tinha os pés gelados, sentia-se de-consolidado. Subia-lhe confusamente à memória o que ouvira de «segrêdo», uns subterrâneos onde nas prisões metem os presos que desobedecem os regulamentos. O chão é de lazedo, tudo cheio de humidade e o frio é horrível. Estava preso! Aqueles passos pesados, aquele ruído de chaves devia ser do carcereiro. Abanava-o agora:

— Eh! vadio. Sai daqui se não queres que chame o policia.

Abriu os olhos melhor e não compreendeu. Ah! estava ainda na escada, uma escada velha e humida, com chão de pedra e um balcãoito, a um lado, que devia servir para uma capelista ou qualquer coisa. O guarda-nocturno inspecionou as chapas onduladas de uns armários agarrados à parede e voltou-se novamente para ele:

— Vamos lá embora! — e deu-lhe um pontapé no trazeiro.

Que noite aquela! Continuava a choviar, uma chuva miadinha, sempre igual e sem parar. O chão estava escorregadio. Agora não podia com o des-onforto de se sentir envolvido naquela friagem, que parecia chegar aos ossos.

Foi andando, parando um pouco aqui, desassossegado não viesse alguém que o enxotasse a pontapé, para logo recomear a caminhada, sem descansar, como queria, num grande sono. Começou a clarear, uma madrugada cinzenta e triste. As ruas ganharam, pouco a pouco, animação. Passavam vendedeiras para os mercados, leiteiras, padeiras, os operários que trabalhavam longe, toda a gente que se levantava cedo. As mulheres da hortaliça e da fruta, as galinheiras, iam em grupos, batendo com os tamancos, falando alto, algumas ainda a tasquinhar em grandes pedaços de pão. Uma, de aspecto simpático, corada, um avental bem limpo à frente da saia, atentou nele.

— Eh! rapaz, tens cara de fome... E tenho mesmo, respondeu com uma voz sumida, que nem lhe pareceu a sua.

— Então toma lá! E partiu um bocadinho de pão que ia a comer, para lhe dar.

Ele agarrou logo, sofrêgo, e nem disse obrigado. Ela também não reparou nisso, limitando-se a comentar para as outras:

— E há tanta fome por esse mundo de Cristo...

— É verdade. E nós sem lhe podermos valer, disseram elas, fazendo córo com a sua pena.

Aquela mulher teve pena dele. Ainda havia pessoas boas. Se alguém quizesse tomar conta de si, o recolhesse... Trabalharia de vontade, desde que fosse tratado como gente e não como um cão. Mas quem? A quem pedir que olhasse por ele? A mulher do tio Jerónimo? É verdade, porque não se lembrava mais cedo?! Era viúva, os filhos já estavam casados e não precisavam dela. Não a via há que tempos, não gostava do irmão do marido, nunca levava a bem aquela vida e não se davam; tinha pena do rapaz», como dizia. Ainda moraria na mesma casa?

UM SEGRETO...



porque guardá-lo?

disse, à sua amiga, a Espanhola cheia de salero. Está a nascer-te cabelos brancos, que vais arrancando um por um, com receio de aborreceres o teu namorado, caso ele descubra que a futura noiva tem cans. Porque não me disse, te mais cedo o teu segredo, a mim que conheço remédio para tanta coisa! Pede ao teu cabeleireiro que te faça uma aplicação de IMEDIA-OREAL, a tinta moderna, e no mesmo dia os teus cabelos brancos ficarão da mesma cor que os outros. Em Espanha, no entanto, conhecemos a IMEDIA-OREAL, e quem não tem cabeleireiro não tem a aplicação a mesmo em casa, pois existem caixas já prontas para esse efeito. E, assim, ninguém perde o novio por causa de cans.

Em Portugal, a IMEDIA-OREAL é aplicada pelos bons cabeleireiros e vende-se nas perfumarias e drograrias.

GRÁTIS — Quem se quiser documentar sobre o assunto das tinturas para cabelo pode requisitar a brochura ilustrada

“O Segredo da Felicidade”
(EDIÇÃO PORTUGUESA)
aos agentes de

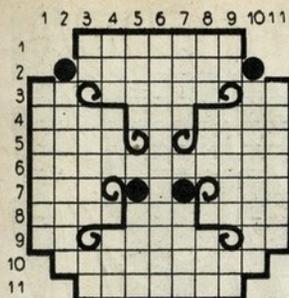
I'OREAL
Rua d'Assunção, 88-2.º — LISBOA
Não mande dinheiro

— A senhora Ana? Coitada... morreu há mais de seis meses, informou uma vizinha a quem perguntou se sabia para onde se mudara a tia.

Morrera? E agora? Não podia passar mais nenhum dia assim, cheio de frio e de fome, sem ter para onde ir.

Se o apanhassem acabavam-se os sustos; queria lá saber já que o apanhassem. Metiam-no na casa de correcção como vadio. Ora! não lhe haviam de bater mais do que estava habituado e depois não tinham obrigação de o tratar com mimos, não lhe eram nada. Ensinavam-lhe um officio e saia de lá um homem. Se se portasse bem não o castigariam. Uma ideia se formou no seu espirito e se foi apoderando dele. Não devia ser tão mau como isso ir para a casa de correcção. Também havia quem dissesse bem de lá. Podia experimentar. Se não se desse bem fugia. E se se fosse entregar? Os criminosos quando se entregam têm a pena mais pequena. O que lhe faltava era a coragem. Os policia têm furo; bastava ir para o pé duma esquadra para eles descobrirem que andava fugido. E foi.

(Conclue na pág. 30)



PROBLEMA N.º 80

HORIZONTAIS

- 1 — Ausência de sede (pl.).
- 2 — Crosta que cobre a parte da língua, durante algumas doenças.
- 3 — Preposição; Resto; Acusada.
- 4 — Consórcio; Nome de uma letra grega; Cidade de França, capital do departamento do Calvados.
- 5 — Lígar; Cóleras.
- 6 — Relativa à ciência que estuda os povos sob o ponto de vista das manifestações materiais da sua actividade.
- 7 — Alfm; Concedi.
- 8 — Embarcação de recreio; Intervalo entre os dentes do pente do tear; Numeral ordinal.
- 9 — Símbolo químico do estanho; Norma; Doutor.
- 10 — ADELIDO DO NOVO COMANDANTE DAS FORÇAS AFREAS AMERICANAS NA GPÁ-BRE-TANHA, JÁ BASTANTE CONHECIDO PELOS SEUS HEROICOS FEITOS NESTA GUERRA.
- 11 — Tornai claro.

VERTICAIS

- 1 — Atair.
- 2 — ADELIDO DO NOVO COMANDANTE-CHEFE DAS TROPAS ALIADAS NO MEDITERRANEO, CUIA ACCÇÃO TEM SIDO NOTÁVEL.
- 3 — Campeão; Antiga deusa fenícia, uma das formas de Astarté, adorada em Cartago; Antigo dialecto francês.
- 4 — Utensílio doméstico (pl.); Anel; Lista.
- 5 — Instrumento musical de sopro; Bola de jogar.
- 6 — Esquivar-se arditosamente.
- 7 — Interjeição que designa repulsa; Habilidade.
- 8 — Pedra de altar; Custo incluindo o frete (termo comercial); Prende.
- 9 — Sãdia; Estéril; Medida itinerária chinesa.
- 10 — Torna a acender.
- 11 — Experimentar.



Solução do problema n.º 79

A batalha da Europa

(Continuação da pág. 8)

vitoriosos serão renovados sob a direcção de quadros de elite e dispo de um material de primeira ordem. Comando, efectivos, quadros, material, equipamento são elementos de cuja superioridade depende a realização da guerra moderda e que condicionam a vitória.

Mas esses elementos, só por si, não bastam. É preciso também encarnar uma ideia justa como sucede aos soldados das Nações Unidas. A justiça da causa multiplica-lhes as energias. A grandeza das ideias torna-os invencíveis. Foi precisamente um alemão, o chanceler Bismarck, que falou no valor dos imponderáveis na guerra. Esses imponderáveis são os factores morais e psicológicos que, em todos os tempos, dominaram a regra exclusiva da força.

Quando os soldados das Nações Unidas desembarcarem na Europa, os povos do nosso continente tomarão esse acto como o termo dum pesadelo e como o início duma li-

LIVROS NOVOS

«Congresso que sorri»

César de Fries deu-nos, agora, um livro que se pode considerar uma antologia da graça e da ironia. Com o título «Congresso que sorri», reuniu um feixe vibrante de novelas, não propriamente humorísticas com «ficelles» de grosseira farça, mas sorridentes, humanas e, sobretudo, verdadeiras. Escolheu os melhores autores contemporâneos, desde o nosso Gervásio Lobato, com um conto, de realismo lisboeta, até ao russo Averechenco, representado com uma magistral novel, que é uma autêntica *trouvaille*. A literatura inglesa e americana também figuram no «Congresso que sorri...» Eis um livro ameno, fácil e paizagador, que nos dá uma esplêndida perspectiva sobre a arte tão difícil de narrar um caso, ou de fixar uma alma, em meia dúzia de páginas com o máximo de intensidade psicológica. Edição da Agência Editorial Brasileira.

«Erasmus»

Está em moda a biografia romaneada. Confessamos que é um dos géneros mais empolgantes. O público português fatigado de histórias sem fundo real e acento convincente, encontra nessas biografias, ou melhor, nesses romances vividos, que aconteceram, o documento humano palpitante e integral. De resto, há existências tão ricas de interesse psicológico e de factos, que nenhuma imaginação, por mais ardente, pode excedê-las. Um dos exemplares lições de austeridade moral; outras debates dramáticos com a sua época, complicadas, ou melhor, enriquecidas de substância íntima. Integra-se neste último caso, a História Maravilhosa de «Erasmus», o famoso filósofo holandês, de que Mário Vilar nos deu não, apenas, uma biografia, mas um romance de agudo interesse, com acentuado relevo literário.

PORTSMOUTH GRANDE PÔRTO DE INGLATERRA

(Continuação da pág. 2)

Era aí que os marinheiros contavam as suas aventuras. Os albergues de Portsmouth são hoje, porém, menos ruidosos. Em tôdas as paredes estão afixados cartazes recomendando que ninguém deve ter a língua comprida: «Conversas, às vezes, aparentemente inofensivas, custam vidas humanas!» Desenhos sugestivos mostram como uma palavra que escapou pode provocar o torpedeamento de um navio. E, em tôdas as salas dos albergues se encontram homens que já sofreram uma ou mais vezes o torpedeamento do seu barco.

A alguns passos da Igreja de S. Tomaz está o navio almirante de Nelson, com os seus mastros altos e complicados cordames, tal qual como venceu a batalha de Trafalgar. O «Victory» não é apenas uma das reliquias do passado — um navio de linha do século XVIII, perfeito até o mais pequeno pormenor — é, sobretudo, o tesouro mais precioso de Portsmouth, o símbolo do poder naval da Inglaterra.

LÂMINAS “BELZ” SUIÇAS

As melhores para barbear

Peça em tôda a parte

Lâminas — “GRETA,,
“HELVETIA,,
“VELOX,,
“SWISS,,

REPRESENTANTES: Rua Nova do Almada, 46-1.º

VENDAS POR GROSSO

Telefone: 2 9879

bertação. O pesadelo dura há cerca de quatro anos. A libertação não pode demorar muito. Mas foi entre esses dois actos capitais que os adversários das Nações Unidas criaram as condições decisivas que não podem deixar de dar a estas a vitória final. Foi nesse período que se criaram os imponderáveis que, em última análise, acabaram nesta guerra por fazer sentir os seus efeitos contra os depositários da herança política do chanceler de Ferro.

ESTRELAS

(Continuação da pág. 11)

As recordações do tempo que passou também encerram os seus encantos revivescientes. Mas, devemos concordar que a esbelteza de um corpo de bailarinas, ritmando os passos coreográficos, e exibindo sob o tule das *toilettes* as linhas cuidadas dos seus corpos com pretensões a estátuas gregas, não será menos de admirar, de gostar e de aplaudir.

Aquelas "polkas", chamadas janotas, — não sabemos porque! — em confronto com um dinâmico *swing*, era capaz de ser trágico... para o gosto estético do público do nosso tempo.

Guardemos, pois, apenas no nosso culto saudável a lembrança de tudo que envelheceu, e contentemo-nos com a vertigem da vida de hoje.

Morreu a «polka»; acabaram as coristas enroupadas até aos tornozelos, e viva o *swing*, e o nú artístico das esbeltas girls.

SEJA PRÁTICO E ECONÓMICO

viage na C. P.

Informações — em tôdas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 24031 — no Pôrto — na estação de S. Bento — Telef. 1722



V. Exca. Aceita Com Prazer. Mas Que Dirá O Seu Estômago?

Evidentemente que ao pensarmos em ir passar uma "soirée" agradável, não nos deve atormentar o receio de que dores de estômago no-la estraguem. Se sofre do estômago: flatulência, eructações, etc., pó ou alguns comprimidos de Magnésia Bisurada. A Magnésia Bisurada neutraliza o excesso de acidez, que muitas vezes é uma das causas das má digestões, e deste modo, prepara o estômago para digerir bem.

DIGESTÃO ASSEGURADA com MAGNÉSIA BISURADA

À venda em tôdas as farmácias em pó ou comprimidos a 15\$00 e 23\$00.

HISTÓRIA DA GUERRA

A única obra em língua portuguesa editada no Império Português e Brasil

5 EDIÇÕES CONSECUTIVAS

Ficará sendo o documentário mais sério e elucidativo da maior guerra de todos os tempos

O XV fascículo que acaba de ser posto à venda abrange três capítulos de incontestável interesse, que se intitulam: «A batalha do Atlântico», «A resistência de Malta» e «Os bombardeamentos aéreos». Os títulos dos capítulos falam com suficiente clareza, na matéria que nêles aparece tratada com pormenores inéditos e alguns dêles verdadeiramente sensacionais. Dos episódios relatados podem destacar-se, em cada um dos capítulos, o seguintes:

No capítulo sobre «A batalha do Atlântico» (referida ao ano de 1942):

A organização da campanha submarina do Eixo.

As perdas da navegação aliada.

Os métodos defensivos postos em prática pelos anglo-americanos.

A organização dos combóios e os navios de caça aos submarinos.

A participação da Marinha americana na luta anti-submarina.

Os ataques ao litoral americano.

A pior semana para os Aliados.

As operações combinadas e a organização dos «comandos».

Os «raides» à costa da Noruega, Saint-Nazaire e Dieppe.

No capítulo sobre «A defesa de Malta»:

A ofensiva aérea italiana e como ela foi dominada.

Como se organizou a defesa da ilha.

O heroísmo da população.

Quando a aviação alemã apareceu sobre Malta.

Malta e a guerra relâmpago.

Os combóios de reabastecimento.

O papel de Malta na batalha de África.

Do sacrifício à libertação.

O último combóio.

No capítulo sobre «Os bombardeamentos aéreos»:

A tática da R. A. F.

O bloqueio pelo ar.

A destruição da máquina industrial de Reich.

A batalha dos portos.

A batalha do Ruhr.

As duas frentes aéreas na Europa.

A Inglaterra constrói aparelhos de bombardeamento.

A preparação dos grandes «raides» contra as cidades alemãs.

Tôda a obra é profusamente ilustrada figurando muitas dezenas de fotografias inéditas

Belos «hors-textes» de grande formato em heliogravura tricromia e fotolito

Uma obra que depois de concluída e esgotada alcançará grande valor e cujo interesse perdurará através das gerações

Assina-se em tôdas as livrarias do Império Português e nas nossas sucursais de Lisboa e Pôrto

EDITORIAL - SÉCULO - LISBOA

PERDIDO

(Continuação da página 28)

Mas os policas não lhe ligavam. Tinha que se entregar, pronto!

— Senhor chefe, sou um vadio, mande-me para a casa de correção.

A cara de cenoura do cabo a quem, por ignorância, tratou por chefe, levantou-se vivamente dos papéis. Perdeu o ar de importância que costumava arranjar e só exprimia espanto.

— O quê? Queres ir para a casa de correção?

— Quero, sim senhor.

— Olha que aquilo lá não é nenhum hotel. Tens que trabalhar e, quando

não andares direitinho... Caiu nele. Não podia dizer ao rapaz que se fosse embora. Se ele era vadio, era para onde tinha que o mandar. E acrescentou: — Claro que os vadios como tu não têm outro destino. Não tens nenhum?

Hesitou um pouco, muito pouco e declarou: — Não.

— Não?! Não senhor, aprende a dobrar a língua. Vais para onde te hão-de ensinar a ser bem educado.

E começou a precher um papel.

STOP



PASTA
DENTÍFICA



Rainha
da
Hungria



M. CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
AVENIDA DA LIBERDADE, 35

Queres ganhar dinheiro?

ANUNCIAI NO

MUNDO GRÁFICO

A melhor revista gráfica portuguesa

Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa
Telefone 25240

B.B.C.

**A Voz
de Londres
fala
e o mundo
acredita**

City of Westminster
WHITEHALL SW



EMISSÕES EM LINGUA PORTUGUESA

08.45-09.00 - Noticiário	18.45-19.00 - A Voz da América
49.92 m. 6.01 mc/s	19.00-19.15 - Noticiário
41.96 m. 7.15 mc/s	49.92 m. 6.01 mc/s
31.61 m. 9.49 mc/s	41.96 m. 7.15 mc/s
31.41 m. 9.55 mc/s	31.61 m. 9.49 mc/s
25.42 m. 11.80 mc/s	31.41 m. 9.55 mc/s
19.76 m. 15.18 mc/s	25.42 m. 11.80 mc/s
	19.76 m. 15.18 mc/s
	261.10 m. 1.149 kc/s

★

13.15-13.30 - Noticiário

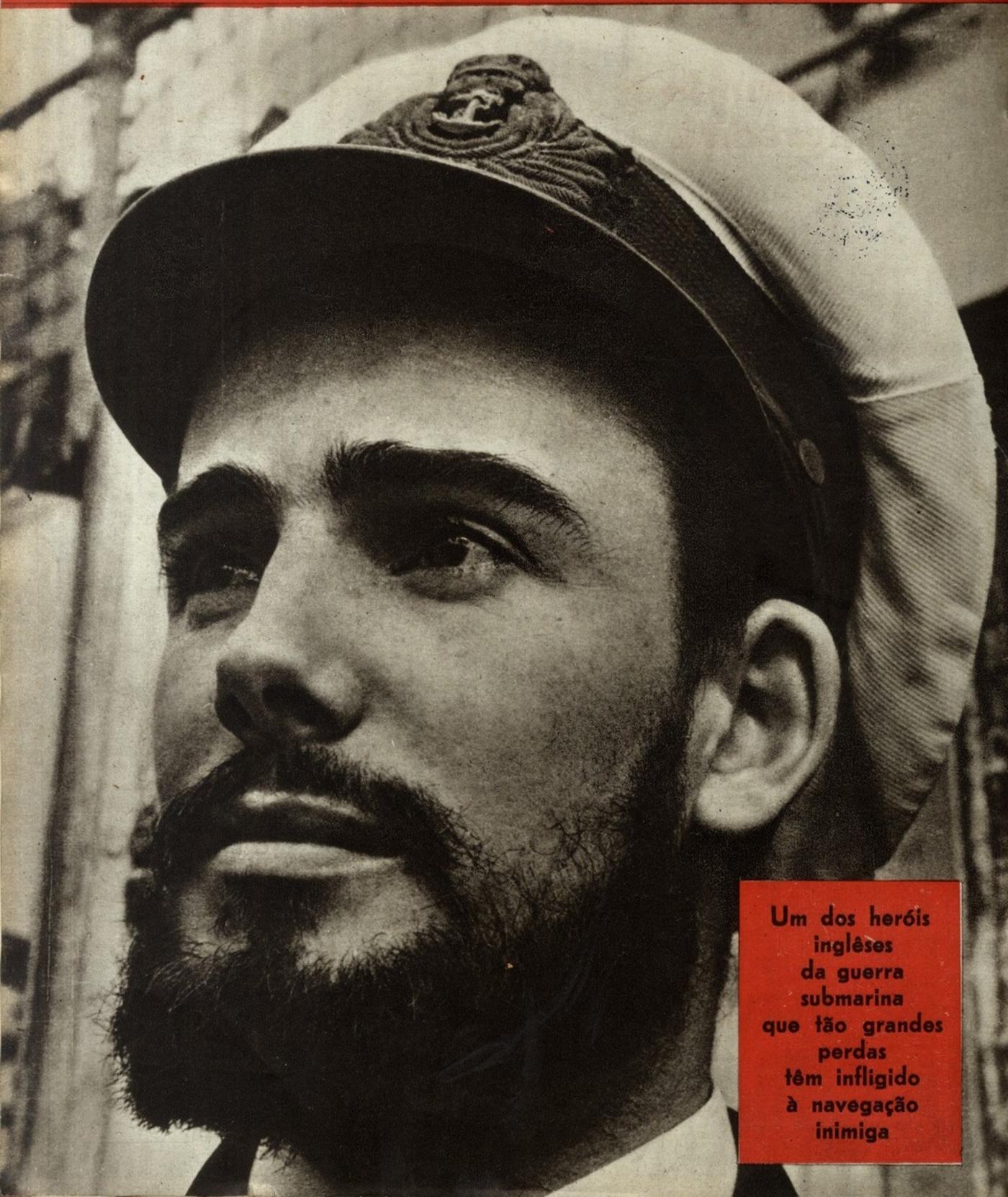
13.30-13.45-Actualidades
49.92 m. 6.01 mc/s
41.96 m. 7.15 mc/s
31.61 m. 9.49 mc/s
31.41 m. 9.55 mc/s
25.42 m. 11.80 mc/s
19.76 m. 15.18 mc/s
16.84 m. 17.81 mc/s

★

22.15-21.30 - Noticiário

21.30-21.45-Actualidades
49.92 m. 6.01 mc/s
41.96 m. 7.15 mc/s
31.75 m. 9.45 mc/s
31.61 m. 9.49 mc/s
31.41 m. 9.55 mc/s
25.42 m. 11.80 mc/s
261.10 m. 1.149 kc/s

MUNDO GRÁFICO



Um dos heróis
inglês
da guerra
submarina
que tão grandes
perdas
têm infligido
à navegação
inimiga